



## Nomes, verbos e posposições em Paresi-Haliti: uma generalização exocêntrica<sup>12</sup>

Glauber Romling da Silva (UNICAMP-FAPESP)

RESUMO: Este artigo tem como objetivo descrever e prover uma análise formal, com a base teórica do Programa Minimalista (CHOMSKY, 2000; URIAGEREKA, 1999), de uma generalização, chamada de exocêntrica, por ser intercategorial: envolve nomes, verbos e posposições em Paresi-Haliti (família Arawak). Com base no “Phase Impenetrability Constraint” (PIC) (CHOMSKY, 2000, p. 108), somente o núcleo e sua fronteira (“edge”), Spec, são acessíveis a operações. Em Paresi-Haliti (SILVA, 2013), somente predicados **sem** posição de especificador (verbos inacusativos e nomes alienáveis) ou que não constituam fase (posposições) pronunciam concordância. Já predicados **com** posição de especificador a bloqueiam (verbos transitivos, inergativos e nomes alienáveis).

Palavras-chave: Programa Minimalista; sintaxe; Arawak; Paresi-Haliti.

### Introdução

O objetivo deste trabalho é apresentar evidências empíricas provenientes da distribuição do padrão de concordância de predicados distintos (e, por isso, chamados exocêntricos, a saber, nominais, verbais e posposicionais) de uma língua indígena amazônica e analisá-las à luz do Programa Minimalista (CHOMSKY, 2000). Chomsky (2000) propôs o *Phase Impenetrability Constraint* (doravante, PIC), que afirma que uma fase, após ser enviada à Spell-Out, é impenetrável. Sustentamos que essa impenetrabilidade expressa-se em Paresi-Haliti sob a distribuição da concordância de seus predicados: aqueles que **não** possuem posição de Spec (que constitui a barreira (*edge*) de uma fase) **apresentam** concordância (verbos inacusativos e nomes alienáveis), já aqueles que **a possuem não apresentam** concordância (verbos transitivos e nomes inalienáveis). Posposições, apesar de terem posição de Spec em nossa análise, apresentam

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi financiado pelas seguintes instituições: um “Field Trip Grant” do *Endangered Languages Documentation Program* da *School of Oriental and African Studies* da London University com o projeto *Documentation of the Paresi-Haliti Language* (2009-2013); suporte técnico e financeiro (para uma viagem de campo) do Museu do Índio da Fundação Nacional do Índio do Rio de Janeiro (2009-2013); e uma bolsa de doutorado pelo CNPq de 2010 a 2013.

<sup>2</sup> Gostaríamos de agradecer a todos que, de alguma forma, contribuíram para a discussão, dentre eles: Cilene Rodrigues, Hagit Borer, Andrés Pablo Salanova, Andrew Nevins, além dos enriquecedores comentários de um parecerista anônimo. Quaisquer erros, omissões ou limitações são de inteira responsabilidade do autor deste artigo.

concordância, pois não constituiriam uma fase.

Nossa hipótese delinea-se da seguinte maneira: defende-se que verbos transitivos e inergativos têm um vP proposicional que configura uma fase, já verbos inacusativos apresentam um vP que não é fase, o que é expresso pela falta de uma posição de Spec. Sustentamos que uma análise paralela a essa possa expandir-se para outros predicados. As estruturas com nP do tipo “lexical possessive” (BAKER, 1991) (inalienáveis e inerentemente possuídos) também teriam uma posição de Spec inerente projetada por nP, o que barraria a expressão morfológica da concordância, assim como ocorre em verbos transitivos e inergativos. Já nPs do tipo “extrinsic possessives” (alienáveis) não teriam posição de Spec inerente, assim como verbos inacusativos, o que possibilita, nesse caso, a expressão da concordância. O pP não constituiria uma fase, o que explica a expressão morfológica da concordância apesar da presença de Spec inerente.

Este artigo busca ser uma contribuição para o entendimento do mecanismo de computação sintática e de sua abordagem derivacional, aprofundada no Programa Minimalista. A investigação de fenômenos que apontem para a representação em fases, ou seja, que mostrem os mecanismos de sub-agrupamento que compõem os passos recursivos da computação sintática minimizam a representação de sua complexidade superficial e tornam a sintaxe, em sua construção teórica, mais submissa a análises etológicas, o que é uma grande contribuição para a investigação do campo da evolução e desenvolvimento da linguagem, com o qual o Programa Minimalista busca dialogar (FUJITA, a sair).

Este trabalho organiza-se da seguinte maneira: em *Considerações sobre Povo e Língua* situamos o leitor com informações sobre a língua em questão; em *Apresentação dos Dados e Hipóteses do Trabalho* fazemos um sobrevoo sobre os dados em que nos baseamos e introduzimos nossa proposta; em *Fases e o Minimalismo* apresentamos a base teórica com a que trabalhamos; em *Análise Formal* empreendemos a argumentação passo-a-passo para o tratamento teórico dispensado aos dados apresentados; em *Síntese e Conclusões* fazemos um balanço da contribuição deste trabalho.

## 1. Considerações sobre Povo e Língua

O Paresi-Haliti é uma língua da família Arawak (ou Aruák), ramo Arawak do sul (sub-ramo Paresi-Saraveka) na definição clássica de (AIKHENVALD, 1999, p. 67)<sup>3</sup>. De acordo com dados do Instituto Sócio-Ambiental<sup>4</sup>, os Paresi-Haliti somavam 1.955 indivíduos em 2012. Dados do CCGEO-FUNAI<sup>5</sup> afirmam que atualmente essa população está distribuída em 7 áreas indígenas concentradas no estado de Mato Grosso, Brasil (figuras 1 e 2). Estima-se que, atualmente, o contingente populacional se distribui em 50 aldeias, que estão em constante subdivisão (SILVA, 2013, p. 33).

Os Paresi-Haliti autodenominam-se *Haliti*, que significa 'gente, povo'. Na literatura multidisciplinar existente, encontram-se diversas grafias diferentes para a designação do povo e da língua: Pareci, Parecis, Parici, Paresí, Paressí, Ariti e Aliti. Atualmente, os membros da comunidade preferem ser chamados de Paresi-Haliti, ou simplesmente Paresi, com a grafia 's' e sem acento agudo no 'i'.

<sup>3</sup> Moore *et alii* (2008) e Ramirez (2001) também fazem um levantamento de sua situação.

<sup>4</sup> <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/paresi> [acessado em 17 de janeiro de 2013].

<sup>5</sup> <http://mapas.funai.gov.br> [acessado em 17 de janeiro de 2013].



argumento inerente; os inalienáveis distinguem-se dos inerentemente possuídos por terem uma forma não-possuída gramatical, através do sufixo de não-possuidor *-ti* (6c), enquanto essa última é agramatical se não-possuída (7c) (SILVA, 2013).

*Verbo inacusativo*

(1a)

no=zan-**i**-Ø

1sg=ir-**conc.1sg**-PERF

'eu fui'

(1b)

hi=zan-**e**-Ø

2sg=ir-**conc**-PERF

'você foi'

*Nome alienável*

(3a)

no=kohatse<r>-**i**

1sg=peixe<CL>-**conc.1sg**

'meu peixe'

(3b)

hi=kohatse<r>-**a**

2sg=peixe<CL>-**conc**

'teu peixe'

*Posposição*

(5a)

no=kako-**i**

1sg=com-**conc.1sg**

'comigo'

(5b)

hi=kako-**a**

2sg=com-**conc**

'contigo'

*Verbo transitivo*

(2a)

no=tyoma-Ø (O)

1sg=fazer-PERF

'eu fiz (O)'

(2b)

hi=tyoma-Ø (O)

2sg=fazer-PERF

'você fez (O)'

*Verbo inergativo*

(4a)

no=tyoka-Ø

1sg=sentar-PERF

'eu sentei'

(4b)

hi=tyoka-Ø

2sg=sentar-PERF

'você sentou'

*Nome inalienável*

(6a)

no=kano

1sg=braço

'meu braço'

(6b)

hi=kano

2sg=braço

'teu braço'

(6c)

kano-ti

braço-N.POSS

'braço (avulso)'

*Nome inerentemente possuído*

(7a)  
n=eze  
1sg=pai  
'meu pai'

(7b)  
h=eze  
'teu pai'

(7c)  
\*eze-ti  
pai-N.POSS  
'pai'

Predicadores	Com concordância	Sem concordância
Verbos	Inacusativos	Inergativos Transitivos
Nomes	Alienáveis	Inalienáveis inerentemente possuídos
Posposições <sup>6</sup>		

**Tabela 1:** Distribuição exocêntrica da concordância.

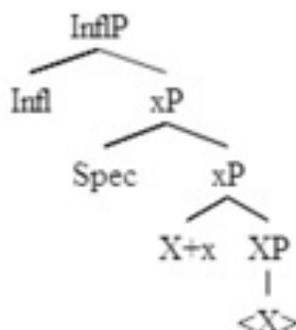
Nossa proposta é que predicadores com argumento externo não explicitam a concordância com nenhum de seus argumentos (verbos transitivos (2), verbos inergativos (4) e nomes inalienáveis (6)). Já predicadores sem argumento externo a pronunciam (verbos inacusativos (1) e nomes alienáveis (3)). Argumentamos que o primeiro grupo forma fases (CHOMSKY, 2000), que são impenetráveis a certas operações sintáticas após enviadas para *Spell-Out*, e o segundo, não. Posposições, apesar de assumirmos que apresentem Spec, não formariam fases, o que explicaria a expressão da concordância nos exemplos em (5).

Resumimos na figura 3 o básico de nosso *insight*<sup>7</sup>. A presença de uma posição de Spec interveniente entre um núcleo funcional (“Infl” para “flexão”) e seu núcleo lexical formador de

<sup>6</sup> Assumimos que as posposições que não apresentam concordância não o fazem por fatores fonológicos. Na seção 2.3.2.2 *Elisão vocálica*, Silva (2013) mostra que a vogal à esquerda da concatenação é elidida quando em contato com vogais não terminadas em [a]. Note-se que quase todas aquelas que não apresentam concordância terminam em [e, o, i], vogais essas que resistem à elisão. Por se tratar de um sufixo vocálico, formar-se-iam sequências proibidas.

<sup>7</sup> Note-se que a figura 3 apresenta o núcleo X já movido para **little-x** onde se junta através da operação **adjoin**. A natureza e a motivação deste movimento ainda é controversa (ADGER, 2003). Assume-se que todos os little-v's (e, por extensão, todos little-n's em nossa proposta) têm um traço forte que motiva esse movimento.

fase (xP para nP ou vP) barra a expressão da concordância. Infl não tem acesso à concha xP se a mesma formar uma fase. Assim, no passo recursivo de concatenação da camada funcional, qualquer xP que forme uma fase apresentará material que estará inacessível, pois já terá sido enviado para *Spell-Out*.



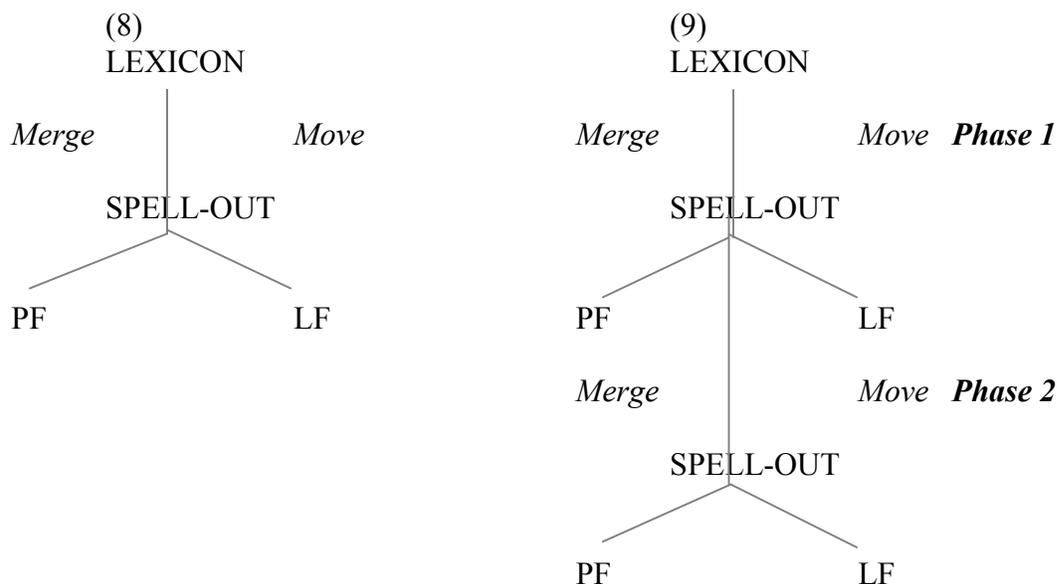
**Figura 3:** Spec interveniente.

Esta análise busca dar conta desta generalização que abarca mais de um tipo de predicador, seja ele nominal, verbal ou posposicional. Temos em vista contribuir para um maior entendimento da representação sintática de nomes que funcionam como núcleos de predicados e que, assim como verbos inacusativos, exibem morfologia de concordância explícita. O padrão de concordância exocêntrico é uma evidência para a presença de um mecanismo comum na computação sintática: a fase.

### 3. Fases e o Minimalismo

Os primeiros modelos do Minimalismo (CHOMSKY, 1989, 1995) adotaram uma abordagem cuja derivação era “mais fraca”. A “*narrow syntax*”, o sistema computacional C<sub>HL</sub> (HL para *human language*), ao ter acesso a LI (para *lexical items*) aplica as operações de *Merge* (juntar) e *Move* (mover) até o *Spell-out* (8). Os níveis de representação, PF (*phonetic form*) e LF (*logical form*), interagem, cada um, com as respectivas interfaces externas A-P (*articulatory-perceptual*) e C-I (*conceptual-intentional*). Modelos mais recentes, (CHOMSKY, 2000) e (URIAGEREKA, 1999), dividem a derivação em ciclos derivacionais, as fases (2)<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> A definição do que pode ser fase (CP, v\*P e DP?) e mesmo a de que haja derivações cíclicas está longe de ser ponto pacífico. Argumentos provenientes de “*syntactic reconstruction*” vs. “*scope reconstruction*”, de construções ACD (*antecedent-contained deletion*), “*parasitic gaps*” e mesmo de PF (como *nuclear stress rule*) têm sido dados para refutar CP e v\*P como fases (cf. LEGATE, 2003). A definição de um DP como fase ainda também é uma questão aberta, e exemplos de extraposição, *clefting*, *pseudo-clefting* e “*escape hatch*” (MATUSHANSKY, 2005) já foram apresentados (ao menos para inglês e línguas mais familiares).



Chomsky (2000) considera CP e vP como fases (“phases”). Define-se fase como uma subseção auto-contida (*self-contained*) de uma derivação que começa com a enumeração (*numeration*) e termina com o *Spell-Out*. No momento do *Spell-Out*, o objeto sintático núcleo definidor da fase tem seu complemento enviado para cada um dos componentes de PF (*phonetic form*) e LF (*logical form*) para interpretação.

Uma consequência disso é o *Phase Impenetrability Constraint* (PIC)<sup>9</sup>: “In a phase  $\alpha$ , only H and its edge are accessible to such operations” (CHOMSKY, 2000, p.108). Uma fronteira (*edge*) pode incluir quaisquer especificadores, H (*head*) ou adjuntos a H. Com isso, qualquer elemento no complemento de *v*-zinho (“little-*v*”), para escapar da inacessibilidade, necessita mover-se para fora de sua fase e pousar na fronteira antes de *Spell-Out*.

Um ambiente que explicita isso é o movimento de “wh-” (LEGATE, 2003). Nos exemplos (10ab), o que impede a subida do sintagma [*which of the papers that he gave Mary*] a partir das posições marcadas com o asterisco (\*) é todos estarem contidos em fases. Nas últimas lacunas de (10a) e de (10b), as posições impedidas são ambas complementos de um verbo transitivo (um vP), *read* e *revise*, respectivamente. Na primeira lacuna de (10b), a primeira

<sup>9</sup> O PIC funcionaria como uma evidência de que há processos recursivos diferentes, que seriam um subproduto de exadaptação evolutiva (FUJITA, a sair). Consideremos três potes em escala de tamanho, do menor ao maior, respectivamente, (A), (B) e (C). Há três tipos de *merge*, o primeiro é a *pairing strategy* ((A) + (B)), que retorna como resultado A dentro de B ou (B(A)); a segunda, a *pot strategy*, que insere (B) dentro de (C) e, por conseguinte, (A) dentro de (C(B)), resultando em (C(B(A))) e, por fim, a *subassembly strategy*, que obtém o mesmo resultado que a estratégia anterior, no entanto, com os seguintes passos: (A) insere-se em (B) e (B(A)) insere-se em (C). As duas últimas estratégias parecem iguais, pois têm o mesmo resultado ((C(B(A)))), mas a *pot strategy* assemelha-se a uma derivação em que há *move*, onde condições de legibilidade ocorrem de modo a garantir que o *label* final dominante seja (C), apesar de o mesmo ter sofrido *merge* no primeiro passo recursivo. A *subassembly strategy*, por sua vez, mostra que uma vez fechado um ciclo desse tipo, não há mais acesso para operações desse tipo. O PIC, que a princípio parece ser um princípio altamente específico, visto sob esse prisma, encontra um lugar mais natural na evolução da linguagem humana e na culminação da UG.

posição impedida é adjunta a um argumento (*she*) que faz co-referência com um elemento mais encaixado do “wh-” movido (*Mary*); já em (10a), a única posição possível, o argumento (*every student*) é adjunto a um elemento co-referencial ao “edge” (*he*)

Todo os complexos Wh- ocupam uma posição Spec,vP adjungida a vP. Em (10a) e (10b) há adjunções. Mas a gramaticalidade de (10a)(√) mostra que apenas esse exemplo licencia relações adequadas entre expressões-R e os pronomes. A adjunção não tem o mesmo efeito em (10b)<sup>10</sup>:

(10a)

[Which of the papers that he<sub>i</sub> gave Mary<sub>j</sub>] did every student<sub>i</sub> √ ask her<sub>j</sub> to read \_\_\_\* carefully?

(10b)

[Which of the papers that he<sub>i</sub> gave Mary<sub>j</sub>] did she<sub>j</sub> \* ask every student<sub>i</sub> to revise \* ?  
(FOX, 1998, p.157)

Chomsky afirma que fases são “proposicionais” (aspas do autor citado). Sintagmas verbais com estrutura argumental completa (transitivos) e CPs com indicadores de força (*force indicators*) seriam “proposicionais”. Já TP sozinho ou configurações verbais “fracas” sem argumento externo (passivas e inacusativos<sup>11</sup>) não teriam essa característica.

Se olharmos para as principais classes verbais da tabela (1), i.e., transitivos, inergativos e inacusativos, veremos que somente a última apresenta concordância. Paralelamente, nomes alienáveis e posposições também a apresentam. Se o UTAH, apresentado em (11)<sup>12</sup> de maneira adaptada ao Minimalismo, estiver correto, as posições de atribuição de papel-temático devem ser as mesmas. Por extensão, outros predicados (a saber, nominais e posposicionais) devem refletir, de alguma forma, essa afirmação.

(11) “Uniformity of Theta-Assignment Hypothesis (UTAH): Identical thematic relationships between items are represented by identical structural relationships at Merge.”

Nos termos de Barker (1991), definimos inalienáveis e inerentemente possuídos como possessivos lexicais (*lexical possessive*) do mesmo modo que *John's child* e *John's nose* em (12a). Ambos expressam uma relação de dois lugares, que é expressa na sintaxe por um n-zinho com Spec. Já possessivos extrínsecos (*extrinsic possessives*) não relacionais, como o nome alienável núcleo em *John's firetruck*, que não têm vinculações lexicais que requeiram a existência de qualquer outra entidade, são definidos como em (12b):

<sup>10</sup> Agradeço a um revisor anônimo pelas sugestões que tornaram mais claros os argumentos deste trecho.

<sup>11</sup> Ver Legate (2003) para argumentos contrários.

<sup>12</sup> A citação original diz: “Identical thematic relationships between items are represented by identical structural relationships between those items *at the level of D-structure*” (grifo nosso) (BAKER, 1988, p.46). A “*D-Structure*” foi abolida no Minimalismo (cf. HORNSTEIN, NUNES & GROHMAN, 2005 para uma discussão).

(12a)  
 $\|child\| = \lambda x \lambda y \|child(x, y)\|$   
 $\|nose\| = \lambda x \lambda y \|nose(x, y)\|$

(12b)  
 $\|firetruck\| = \lambda y \|firetruck(y)\|$

## 4. Análise formal

### 4.1 Os objetos sintáticos

$v^*P$  é um nóculo funcional que pode ter como núcleo um verbo transitivo ou um verbo inergativo. Estes núcleos introduzem um argumento na posição de argumento externo e são referidos por Chomsky (2000) pelo rótulo  $v^*P$ . Já núcleos inacusativos não projetam argumento externo e são glosados como  $vP$ . Estendemos a mesma lógica para os demais núcleos funcionais (tabela (2)):

Categorias lexicais e classes	
$v^*P$	Verbos transitivos e inergativos
$n^*P$	Nomes inalienáveis
$p^*P$	Todas as posposições
$nP$	Nomes alienáveis
$vP$	Verbos inacusativos

Tabela 2: x-zinhos.

Assumimos que cada núcleo funcional sofre *merge* com um nóculo funcional que carrega seus traços de concordância (“ $\Phi$ -features”) e que os checa e valora no curso da derivação. Verbos sofrem *merge* com *Tense* (13) e nomes com *Determinant* (14). O nóculo funcional que carrega os traços de concordância de  $p^*P$  será chamado de *I* (para *Inflectional*) (15):

(13a)  
 $[TP [T] [v^*P [Spec] [v^*[VP][v^*]]]$

(13b)  
 $[TP [T] [vP [VP][v]]]$

(14a)  
 $[DP [D] [n^*P [Spec] [n^*[NP][n^*]]]$

(14b)  
 $[DP [D] [nP [NP][n]]]$

(15)  
[IP [I] [p\*P [Spec] [p\*[PP][p\*]]]

#### 4.2 Estruturas com Spec: verbos inergativos, nomes inalienáveis e posições

Em (16-20), apresentamos o passo-a-passo da derivação<sup>13</sup> de um verbo inergativo como (4a) *no=tyoka* 'eu sentei'. A derivação se inicia com a enumeração (16). As sub-chaves indicam que os elementos formam uma fase.

(16)  
enumeração = {T, {v\*, no-, tyoka}}

Cada membro da enumeração tem traços não-interpretáveis a serem checados até o final da derivação. Esses são marcados por “μ” antes de sua especificação categorial. Traços fortes, ou seja, que devem ser checados localmente, e que, por isso, desencadeiam movimento, são marcados com “\*”. Como exemplo, temos o traço EPP “μN\*” de T<sup>14</sup>. Caso (K:) em {no-} e concordância de número e pessoa (Φ:) não são checados, mas, sim, valorados. Infl: em v\* recebe sua valoração diretamente de T, que necessita ser valorado, via c-comando com a operação *Agree*.

(17)			
{tyoka}	[V]		(categoria lexical verbo);
{no}	[N, Φ:1sg, μK: ]		(nome, 1sg, e que necessita de caso);
{v*}	[μV, μN, Infl: ]		(v-zinho que seleciona V e N, e que necessita de flexão);
{T}	[*μN (EPP), nom, Φ: ]		( <i>Tense</i> , que checa localmente seu traço EPP, dá nominativo e deve ser valorado para traços Φ).

A computação consiste de ciclos com duas operações básicas, *merge* e *move*. As chaves “< >” mostram que um elemento foi movido. Cada *merge* cria um objeto sintático e o projeta para o próximo passo da derivação. O primeiro *merge* é apresentado em (18a) e seu resultado em (18b):

(18a) *Merge* v\* a V. O traço μV de v\* é checado localmente. Projeta-se v\*.

(18b) [v\*[V tyoka][v\*]]

O Paresi é uma língua de núcleo-final, o que justifica a linearização apresentada em (18b).

<sup>13</sup> Por questões de espaço, utilizamos a notação em colchetes a partir deste momento. Ao leitor interessado em uma visualização em diagramas arbóreos, sugerimos que utilize o recurso do site <http://mshang.ca/syntax/>. Nesse sítio, copie e cole a derivação em colchetes no local indicado para que a mesma seja transposta em diagramas arbóreos.

<sup>14</sup> O traço EPP fraco é encontrado em línguas com ordem VSO, como Gaélico Escocês. Nessa língua, o traço “tense” de v-zinho precisa ser checado localmente em T, o que desencadeia movimento de v para T (ADGER, 2003).

No segundo passo o argumento é concatenado.

(19a) *Merge* no= [N,  $\Phi$ :1sg,  $\mu$ K: ], na posição de Spec de v\*, ao objeto sintático de (18b). O traço  $\mu$ N de v\* é checado. Projeta-se v\*P.

(19b) [v\*P [no][v\*'[V tyoka][v\*]]]

Ao final do passo (19), temos uma fase, que é mandada a *Spell-Out*. No passo (20a), a camada funcional que contém caso e que vai valorar traços de concordância é concatenada.

(20a) *Merge* T [\* $\mu$ N (EPP), nom,  $\Phi$ : ] ao objeto sintático de (19b).

(20b) *Move* {no-} para Spec de T para checar o traço EPP ( $\mu$ N\*) localmente e ter seus traços valorados. Nessa relação, {no-} têm seu caso valorado para nominativo.

As valorações de caso em {no-}, de traços em T, e a flexão via *Agree* estão marcadas em negrito.

(20c)

[fase

[TP[no[[ $\Phi$ :1sg, **$\mu$ K:nom**]]][T[T[\* $\mu$ N(EPP),  **$\mu$  $\Phi$ :1sg, nom]]][v\*P[<no>][v\*'[V tyoka][v\* [ **$\mu$ Infl:1sg**]]]]]**

*Agree* se aplica ao verbo para valorar o traço  $\mu$ Infl de v\*. Como v\*P é fase, a valoração de traços de concordância só tem acesso ao “edge” (Spec) ou ao núcleo (v\*). V está inacessível na parte mais encaixada. Isso faz com que a concordância não seja pronunciada.

Propomos que o impedimento na concordância dos nomes inalienáveis se deva a uma causa semelhante. Possessivos lexicais teriam estrutura sintática com um n-zinho que projeta Spec e configurariam uma fase. Procederemos ao mesmo passo-a-passo para a geração *no=kano* 'meu braço' em (21-25).

(21)  
enumeração = {D, {n\*, no, kano}}

(22)

{kano}	[NP]
{no}	[N, $\Phi$ :1sg, $\mu$ K: ]
{n*}	[ $\mu$ NP, $\mu$ N, $\mu$ Infl: ]
{D}	[* $\mu$ N (EPP), gen, $\Phi$ : ]

No primeiro passo, o núcleo N toma como argumento um outro N, que ocupa a posição de Spec, NP.

(23a) *Merge* n\* a NP. O traço  $\mu$ NP de n\* é checado localmente. Projeta-se n\*!

(23b) [n\*'[NP kano][n\*']]

O segundo ciclo da derivação se inicia com a concatenação do possuidor.

(24a) *Merge* {no-} [N,  $\Phi$ :1sg,  $\mu$ K: ], na posição de Spec de n\*, ao objeto sintático de (23b). O traço  $\mu$ N de n\* é checado. Projeta-se nP. Forma-se uma fase.

**[fase**

(24b) [n\*P [no][n\*'[NP kano][n\*']]]

Com a formação da fase, a categoria funcional D seleciona n\*P.

(25a) *Merge* D [ $\mu$ N (EPP), gen,  $\Phi$ : ] ao objeto sintático de (24b).

(25b) *Move* {no-} para Spec de D para checar o traço EPP ( $\mu$ N\*) localmente e ter seus traços valorados. Nessa relação, {no-} têm seu caso valorado para genitivo.

(25c)

**[fase**

[DP[no[[ $\Phi$ :1sg, $\mu$ K:gen]]][D'[D[ $\mu$ N (EPP),  $\mu$  $\Phi$ :1sg, gen]][n\*P [no][n\*'[NP kano][n\*'[ $\mu$ Infl:1sg]]]]]]]

*Agree* se aplica ao nome inalienável para valorar o traço  $\mu$ Infl de n\*. Como n\*P é fase, pela mesma razão do impedimento em v\*P, a concordância não é pronunciada.

#### 4.2.1 Posposições: p\*P não é fase

A posposição apresenta concordância entre I e p\*, pois p\*P não é fase (ao menos em Paresi). Assim, apesar de ter um p-zinho com Spec, os traços de concordância têm acesso à camada mais encaixada PP. Como ainda não houve *Spell-Out*, a concordância é pronunciada. Note-se que na enumeração (26-28) não há sub-colchetes:

(26)  
enumeração = {I, p\*, no, kako-}

(27)

{kako-}	[P, $\mu$ N]
{no}	[N, $\Phi$ :1sg, $\mu$ K: ]
{p*}	[ $\mu$ PP, $\mu$ N, $\mu$ Infl: ]
{I}	[ $\mu$ N (EPP), obl, $\Phi$ : ]

O resultado da derivação do sintagma posposicional *no=kako-i* 'comigo' é apresentado em

(28). Como não há fase fechada, o traço I, quando valorado, por c-comando, valora  $\mu$ Infl de  $p^*$  e pode ser pronunciado.

(28)  
 [IP[no[[ $\Phi$ :1sg, $\#K$ :obl]]][I[I[\* $\#N$  (EPP),  $\# $\Phi$ :1sg, obl]] [p*P [no][p*'[PP kako-]][p*' $\#Infl$ :1sg (-i)]]]]]$

### 4.3 Estruturas sem Spec: nomes alienáveis e verbos inacusativos

Nomes alienáveis e verbos inacusativos não têm Spec e, portanto, não constituem fases, o que os torna acessíveis para a concordância em *Spell-Out*. Em (29-30), apresentamos, respectivamente, as derivações de *no=kohatse*<*r*>-i 'meu peixe' e de *no=zan-i* 'eu fui'.

(29)  
 [DP[no[[ $\Phi$ :1sg, $\#K$ :gen]]][D'[[ $\# $\Phi$ :1sg, (EPP), gen]] [nP[NP kohatse(r)]]][n][ $\#Infl$ :1sg (-i)]]]]]$

(30)  
 [TP[no[[ $\Phi$ :1sg, $\#K$ :nom]]][T'[T[[ $\# $\Phi$ :1sg (EPP), nom]]][vP[VP[[N no][V zan-]]][v[ $\#Infl$ :1sg (-i)]]]]]]]$

Como o Paresi é uma língua de núcleo-final, o argumento interno do verbo inacusativo é encaixado à direita e projeta VP, o que é confirmado pela ordem que é pronunciada.

### Síntese e Conclusões

Neste artigo apresentamos uma análise que busca dar conta da generalização exocêntrica encontrada no padrão de concordância em Paresi. Verbos transitivos, inergativos, nomes inalienáveis, categorias lexicais com posição de Spec (ou que assumimos tê-la) não apresentam concordância pronunciada. O PIC afirma que somente o *edge* (Spec) e o núcleo x-zinho são acessíveis dentro de uma fase. Argumenta-se que, assim como  $v^*P$  em transitivos e inergativos são fases,  $n^*P$  de inalienáveis, já que projetam Spec, também têm essa característica. Nesse caso, a concordância não é pronunciada em VP, V e NP, respectivamente, pois a fase já está fechada. Verbos inacusativos e nomes alienáveis, por sua vez, categorias lexicais que não têm posição de Spec, apresentam concordância pronunciada. Nesse caso, o núcleo que seleciona a categoria lexical V ou NP não constitui uma fase. Dessa forma, *Agree* consegue fazer com que a concordância seja pronunciada, pois ainda não houve *Spell-Out*. Posposições, apesar de assumirmos que tenham posição de Spec, não constituem fases, logo, apresentam a concordância explícita. A existência de mecanismos gerais de legibilidade que formam o *design* do componente sintático, como o PIC, encontra força em evidências desse tipo, em que há “dessincronia” entre a computação (*merge* externo dos objetos sintáticos) e a externalização

(*merge* interno e *Spell-Out* pós-*Agree*).

A regularidade do padrão exocêntrico de concordância em Paresi parece confirmar o que se defende desde Chomsky (1970), o fato de outras categorias lexicais diferentes do predicador verbal clássico também terem estrutura sintática. Ademais, a expressão de relações sintáticas parece não constituir apenas epifenômenos derivacionais (i.e, nominalizações deverbais, por exemplo), mas podem ser consideradas um primitivo (i.e. nomes alienáveis vs. inalienáveis). A marcação morfológica de inalienabilidade em certas línguas (como nas amazônicas) seria apenas a parte visível de operações sintáticas de genuínos predicados. As consequências de diferentes predicados nominais (n\*P, nP) para a estrutura interna de DP e do limite de semelhança entre as operações sintáticas que formam ou derivam nomes e verbos (núcleos que são defectivos, que constituem fase, etc) será desenvolvida em pesquisas futuras a partir deste *insight* inicial<sup>15</sup>.

### Nouns, verbs and postpositions in Paresi-Haliti: an exocentric generalization

ABSTRACT: This article aims to describe and provide a formal analysis, based on the Minimalist Program (CHOMSKY, 2000; URIAGEREKA, 1999), of an exocentric generalization, which involves nouns, verbs and postpositions in Paresi-Haliti (Arawak family). Based on the Phase Impenetrability Constraint (PIC) (CHOMSKY, 2000, p. 108), only the head and its edge, Spec, are accessible to certain operations. In Paresi-Haliti (SILVA, 2013 ) only predicates **without** a Specifier position (unaccusative verbs and alienable nouns) or those which do not constitute a phase (postpositions) show realization of agreement. On the other hand, predicates **with** a Specifier position block it (transitive verbs, unergative verbs and inalienable nouns).

Keywords: Minimalist Program, syntax, Arawak, Paresi-Haliti.

### REFERÊNCIAS

ADGER, D. *Core syntax: a minimalist approach*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

AIKHENVALD, A. The arawak language family. In.: DIXON, M.W & AIKHENVALD, A. (Eds.). *The amazonian languages*. New York: Cambridge University Press, 1999. p. 65-106.

ALEXIADOU, A. On the morpho-syntax of (anti-)causative verbs. In.: DORON, H. & SICHEL,

<sup>15</sup> Ainda que as nossas respostas sejam parciais, o fato é que, em Paresi, há um padrão de alinhamento que depende da estrutura sintática dos núcleos. Os verbos *ka-* e *ma-*, “ter e não ter”, respectivamente, são os únicos que podem incorporar tanto alienáveis (*no=ka-kawalo<n>-i*, 'eu tenho cavalo', *hi=ka-kawalo<n>e*, 'você tem cavalo') quanto inalienáveis (*no=ka-itsik-i* 'eu defequei', *hi=ka-itsik-a* 'você defecou'). Nesses casos, a concordância opera em ambos, sugerindo que esses verbos não têm posição de especificador, o que deixa a concordância ser pronunciada. Nominalizações de recipiente (*no=moko-tya-k-i* 'a batida em mim', *hi=moko-tya-k-a* 'a batida em você') e instrumentais possuídos (*no=wena-kal-i* 'minha aldeia, minha coisa onde vivo', *hi=wena-kal-a* 'tua aldeia'), também mostram concordância nessas formas, o que indica que sejam categorizadas por um n-zinho sem Spec. Já anti-causativos, que se supõem ser uma subclasse de inacusativos, não apresentam concordância (*na=horera* 'eu molhei (estou molhado)', *ha=horera* 'você molhou (está molhado)'). Uma explicação inicial para isso seria dizer que “*voice phrase*” que se assume formar esses verbos (ALEXIADOU, 2010) esteja barrando a expressão da concordância. Outro problema é como lidar com a natureza de n-zinhos diferentes para a c-seleção de D, questão essa que, por si só, não é ponto pacífico.

I. (Eds.). *Syntax, lexical semantics and event structure*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 177-203.

BAKER, M.C. *Incorporation. A theory of grammatical function changing*. 1. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

BARKER, C. *Possessive descriptions*. 1991. 194f. Tese (Doutorado em Linguística) - University of California. Santa Cruz, 1991.

CHOMSKY, N. 1970. Remarks on nominalization. Readings. In: JACOBS, R. A.; ROSENBAUM, P. S. (Eds.). *Transformational grammar*. Waltham, Mass.: Ginn, 1986. p. 184-221.

CHOMSKY, N. Some notes on economy of derivation and representation. *MIT Working Papers in Linguistics*, Cambridge, MA, v.1, n.10, p. 43-74. 1989.

CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N. Minimalist inquiries. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGEREKA, J. (Eds.). *Step by step essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*. Massachusetts: MIT Press, 2000. p. 89-155.

FOX, D. *Economy and semantic interpretation. A study of scope and variable binding*. 1998. 199f. Tese (Doutorado em Linguística) - Department of Linguistics and Philosophy, MIT, Cambridge, MA, 1998.

FUJITA, K. *Recursive Merge and Human Language Evolution* [a aparecer]

HORNSTEIN, N., NUNES, J. e GROHMANN, K. *Understanding minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LEGATE, J. Some interface properties of the phase. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v.3 n.34, p. 506-516, 2003.

MATUSHANSKY, O. Moving a-head. In: HIRAIWA, K.; SABBAGH, J. (Eds.). *Minimalist approaches to clause structure. MIT Working Papers in Linguistics 50*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

MOORE, D., GALUCIO, A., GABAS JR., N. Desafio de documentar línguas. *Scientific American (Brasil). Amazônia (a floresta e o futuro)*. n.3, p.36-43, setembro. 2008.

RAMIREZ, H. Línguas Arawak da Amazônia Setentrional. Manaus: EDUA, 2011.

SILVA, G.R. da. *Morfossintaxe da língua Paresi-Haliti (Arawak)*. 2013. 603f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de

Janeiro, 2013.

URIAGEREKA, J. Multiple spell-out. In: EPSTEIN, S.; HORNSTEIN, N. (Eds.). *Working minimalism*. Cambridge, MA: MIT Press, 1999. p. 251-282.

Data de envio: 04/10/2013

Data de aceite: 13/02/2014

Data de publicação: 21/07/2014